

“Para investigar o mar precisei atravessar a pele”: notas sobre moluscos, memória e ancestralidade

Mariana Rocha¹

Resumo: Parto da ideia de que há um mar dentro do meu corpo. Elejo o polvo e outros moluscos como guias em um mergulho que acontece dentro e fora de mim. Enquanto comparo nossas fisiologias, origens, histórias e peles, penso sobre a mestiçagem e as consequências do sequestro de pessoas africanas para as Américas.

Palavras-chave: *Mar. Moluscos. Pele. Ancestralidade.*

“To investigate the sea I had to go through the skin”: some notes on molluscs, memory and ancestry

Abstract: I start from the idea that there is a sea inside my body. I choose the octopus and other molluscs as guides in a dive that takes place inside and outside of me. As I compare our physiologies, origins, histories and skins, I think about miscegenation and the consequences of kidnapping African people to the Americas.

Keywords: *Sea. Molluscs. Skin. Ancestry.*

1 Mestra em Artes Visuais pelo Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Graduada em Artes Visuais no Instituto de Artes da Uerj. E-mail: srochamariana@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9225-0880>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/7142579180222297>. Niterói – RJ, Brasil.

O corpo deste artigo é composto por pequenos acúmulos de escritos intercalados, que têm como assuntos o mar e suas criaturas, ancestralidade e relações étnico-raciais, memórias de infância, trabalhos de outras artistas e relatos de trabalhos que realizei no período de 2013 a 2021. Da mesma forma – fragmentada e aparentemente dispersa –, foi escrita a dissertação de mestrado na qual se baseia este texto, e que penso se aproximar da ideia de “escrita orgânica”, mencionada pela teórica Gloria Anzaldúa (2000). O que busco é a possibilidade de que um assunto se “metamorfoseie alquimicamente” ao outro, a ponto de revelar aquilo que está *entre*, num processo de descoberta de coisas que possam ter sido reprimidas. Isso posto, abro aqui um parêntese para afirmar que os relatos e memórias de minha infância não são expostos como causas ou motivações que justifiquem a existência dos trabalhos de artes de minha autoria aqui relatados, mas sim, como materiais que possuem grande relevância em meus processos.

O principal elemento que interliga os pequenos textos é a presença da água. Assim como são nomeados corpos d’água os lagos, rios, mares e oceanos, nomeio meu próprio corpo um corpo d’água. Como nós, humanos, temos nossos corpos feitos em maior parte de fluidos e líquidos, eu me reconheço como um corpo d’água, embora não inteiramente visível, mas que me preenche internamente. A partir disso, me pergunto: poderia haver (caber) um mar dentro de mim?, já que, nesse tal volume que chamamos de corpo, assim como no gigantesco corpo que é o mar, há espaço raso e profundo por onde passariam líquidos salgados expelidos e provados, ondulação e espuma, situações de conforto e perigo. Comparo o microcosmo do corpo à fauna e à flora marinhas, com seus elementos e organismos de variadas escalas; células que combatem e defendem, se agrupam, se comunicam, morrem e voltam a nascer. Parto, então, do desejo de mergulhar e explorar as águas do mundo¹ e as que tenho em mim.

*

Comecei o mergulho pela pele. Ou, para investigar melhor, tive que atravessar a pele. No imenso universo do corpo, é ela quem primeiro abriga as

1 Referência ao conto “As águas do mundo”, de Clarice Lispector (1998), leitura que me impulsionou ao mergulho.

memórias do afeto, das dores, dos rompimentos e das recuperações que sofremos, tornando-se tão repleta de registros das nossas trajetórias e de inscrições dessas lembranças quanto o cérebro (SERRES apud COUTO, 2014, p. 15). Pele e sistema nervoso, aliás, originam-se da camada mais externa das células embrionárias, a ectoderme. Parte da superfície do corpo embrionário se vira para dentro, tornando o sistema nervoso “uma parte escondida da pele”, ou, ao contrário, a pele se torna a parte exposta do sistema nervoso. Além da função de nos fazer sentir, ela possui a capacidade de proteger o interior macio e mole do nosso corpo contra traumas físicos, microrganismos indesejados e até mesmo da demasiada absorção de líquidos – desde quando estamos submersos no líquido amniótico (MONTAGU, 1988) até quando, no mundo exterior, nos banhamos e mergulhamos na água.

A pele é constituída por camadas chamadas de epiderme e derme. A derme é constituída de duas camadas: a papilar e a reticular, responsáveis pela elasticidade da pele e por abrigar os pelos e as glândulas sebáceas. Já a epiderme é composta pela camada basal, responsável pela renovação; camada espinhosa; camada granulosa, responsável por formar uma barreira impermeável; camada lúcida; e camada córnea, formada por células mortas que são dispensadas na descamação natural da pele. Indo mais a fundo, saberemos que nas camadas basal e espinhosa da epiderme estão situados os melanócitos, que sintetizam a melanina (HISTOLOGIA..., c2021). Entre humanos, a quantidade de melanina e a cor da pele são determinadas pela raça do indivíduo, e a quantidade de pigmentos é controlada por fatores genéticos, hormonais, ações externas (como exposição ao sol) e envelhecimento. A tonalidade e a cor da pele dependem das células epidérmicas e dérmicas, que dão os tons de branco e amarelo de acordo com sua espessura; dos vasos sanguíneos, que dão os tons de roxo e azul devido à hemoglobina; os tons de vermelho, laranja e amarelo são devidos aos carotenoides da hipoderme, que dependem principalmente da sintetização de melanina (MOTA, BARJA, 2006). Somos resultado de muitas camadas de tecituras e pigmentos.

*

Começo a perceber que estive, durante boa parte da vida, alienada das minhas origens e distante da minha própria imagem. Por isso, fez-se necessário o início de um processo lento e um pouco doloroso, que me fez passar a ouvir algo até então submerso e silenciado: a escuta da minha

própria voz. O encontro com a escrita da professora e ativista pelos direitos civis Audre Lorde foi crucial, pois por seu intermédio fui capaz perceber que as causas do meu silêncio iam muito além de traumas individuais – eram também resultado da internalização de séculos de opressões; fui capaz de o perceber como uma consequência e, ao mesmo tempo, algo que ajuda a manter a estrutura massacrante que resulta do entrelaçamento de machismo, misoginia e racismo perpetrados pelo colonialismo e pelo capitalismo. Segundo Lorde (2019, p.53), ser capaz de transformar em linguagem e ação o silêncio que nos é imposto é um ato que parece estar “carregado de perigo”, que pode estar relacionado ao medo do julgamento, da dor e, em alguma instância, da morte. Quebrar o silêncio nos torna visíveis, e existe um jogo de visibilidade/invisibilidade entre nós, mulheres: queremos ser vistas para exercer os direitos de existir e decidir por nós mesmas; não queremos ser vistas para não nos tornar alvos. Ainda assim, Lorde afirma, continuar caladas acabaria por nos sufocar.

A psicanalista, artista visual e escritora Grada Kilomba (2019), fala sobre nossa necessidade de recuperar as histórias que foram escondidas e enterradas; de encontrar nossas raízes. Esse resgate se daria pela elaboração da fala e da escrita, e da busca pelo entendimento de si e de nosso lugar no mundo. Na sociedade racista em que vivemos, a construção de nossa própria identidade como indivíduos negros nos é negada, privando-nos do encontro com nossas origens e com nossos pares, gerando possivelmente uma ruptura, um trauma. A escrita assume, então, o papel de nos “transformar em sujeitos”, nos mobilizando a definir nossas próprias realidade e identidade, libertando-nos da posição de meros objetos, de ter nossa realidade e identidade definidas por outros. A fala e a escrita, portanto, são também atos políticos, que nos permitem recriar e combater a objetificação dos corpos femininos e racializados.

*

Uma das frases que mais ouvia quando criança, dita por minha mãe toda vez que eu arriscava adentrá-lo, era para ter cuidado, pois “o mar não tem cabelos”. Mesmo hoje, a despeito do conforto de suas águas salgadas, estar no mar é habitar o mais profundo desconhecido, onde não há fios, cabelos, nem cordas para segurar. Curiosamente, em oposição à frase que descobri ser um ditado popular, para o antropólogo Gilbert Durand (2012) e para o filósofo Gaston Bachelard (1997), as tremulações da água poderiam remeter às ondulações capilares – especificamente as

de cabelos femininos. Ambos os autores estabelecem relação entre água, cabelos e feminilidade.

Por volta de 2013, fios, linhas, cabelos e emaranhados começaram a aparecer com frequência em minha produção artística, como nos fios de lã vermelha com os quais construí uma trança de 2,5m de comprimento; nos volumes estranhos desenhados com canetas de nanquim em diversos papéis que, quando encaixados, tornavam-se uma trança em convulsão. Chamei-a de Láquesis – uma das moiras, as três irmãs que, na mitologia grega, determinavam o destino dos deuses e dos mortais, tecendo, manejando e cortando o fio da vida de cada um. Láquesis é a moira que maneja o fio, decidindo os rumos que tomamos em vida (ELIADE, 1979). Na mesma época desse trabalho, coincidentemente, decidi parar de alisar meus cabelos e iniciar o processo de transição capilar.

*

O cabelo possui imensa importância cultural para as sociedades africanas, sendo símbolos de beleza e poder, além de identificar, por meio dos estilos e penteados, a idade, a ocupação e o *status* de cada pessoa. Enquanto o cabelo crespo era glorificado na África Ocidental, aqui ele se tornou símbolo de inferioridade racial. Quando sequestrados e escravizados, os cabelos de indivíduos negros se sobrepujaram até mesmo à cor de sua pele, que passou a ser “tolerada” (BANKS apud KILOMBA, 2019, p. 126), enquanto os cabelos, não.

Mesmo após o longo processo de libertação dos indivíduos escravizados, as ideias de inferioridade da pessoa negra, herdadas do sistema colonial, ainda se faziam presentes: desde as ofensas associando características físicas de pessoas negras à ideia de subalternidade e à animalidade, até as perseguições e os impedimentos de se ter uma vida digna. As mulheres negras, especificamente, ao tentar se inserir na sociedade branca, eram estigmatizadas como pessoas inadequadas, objetos sexuais, postas em situações opressoras que alimentavam um imaginário negativo capaz de destruir sua autoconfiança e seu autorrespeito (HOOKS, 2014). Na busca por aceitação, mulheres negras, nas Américas, foram condicionadas ou se viram obrigadas a imitar o comportamento e os trejeitos das mulheres brancas e, mais além, a tentar a todo custo transformar suas características físicas nas de uma pessoa branca.

Por efeito de tão violentos esforços de desvalorização e desrespeito, tornam-se comuns a baixa autoestima e o auto-ódio da pessoa negra. A expressão “cabelo ruim”, um resquício do ódio racial que ainda sobrevive, influenciou toda uma geração de mulheres negras que passaram a alisar seus cabelos com produtos químicos desenvolvidos por indústrias europeias.² No Brasil, os diversos tipos de alisamento dos cabelos se tornaram procedimentos comuns e rentáveis para donos e donas de salões de beleza presentes tanto em subúrbios quanto em *shoppings*.

Os processos de alisamento são variados: passar o cabelo a ferro quente; repuxá-lo sob a quentura de secadores ou escovas elétricas; usar produtos químicos que alteram sua textura. Todos eles podem causar dor e sequelas que “extrapolam os limites do corpo físico” (SANTOS, 2017, p. 21). Nessa eterna negociação pelo aceitamento, a pessoa negra, ao tentar transformar suas características físicas nas de uma pessoa branca, tentaria, de fato, destruir seu “patrimônio genético” – algo que nunca se realizará efetivamente. Segundo a psicanalista Neusa dos Santos Souza (1983), todas essas violências físicas e simbólicas infligidas resultariam em feridas cujas tentativas de cura poderiam se prolongar por toda uma vida.

*

Na cabeceira da cama em que durmo, amarro uma teresa³ com peças de roupas minhas, todas em tons de vermelho. Em sua ponta, prendo um vestido, e tento entrar nele a todo custo: quero me abrigar, caber, vestir – objetivo que se mostra impossível de ser alcançado enquanto os elos amarrados existirem. Na pesquisa que se desdobrou dessa fotoperformance, que chamo de *Serpente*, apareceu pela primeira vez em minhas buscas no Google o *Tremoctopus violaceus*, polvo que possui longa membrana vermelha entre seus tentáculos, que o faz parecer trajado com uma capa, um tecido. Seu movimento dentro da água é como um voo em que desliza suavemente o manto – característico, aliás, unicamente da fêmea

2 Para Kilomba (2019, p.126-127), essas indústrias constituiriam outros tipos de controle e apagamento.

3 “Corda trançada com tecidos rasgados, sobras de lençóis, blusas e cobertores, atados para serem lançados pela janela de uma prisão com o intuito de fuga. Segundo Gerardo de Mello Mourão, tal significado remonta ao século XVI, quando São João da Cruz, encarcerado, teve uma visão de Santa Teresa de Ávila o instruindo a como amarrar uma corda para fugir da prisão” (LINDOTE, 2005, p. 393).

dessa espécie. o macho, por sua vez, é minúsculo e cinza, numa existência discreta, quase invisível. O polvo fêmea, a partir de então, passou a habitar meu imaginário e reaparecer em buscas, assuntos, interesses; passei a vê-lo em meus trabalhos. Anos depois, o elegi como uma versão do coelho branco da Alice, que me guia na exploração de um universo alternativo: aquático, mole e viscoso.

Os polvos, moluscos que fazem parte da classe dos cefalópodes, dentro do filo *Mollusca*, estão em outro ramo da árvore evolucionária, distante de nós. No livro *Outras mentes*, o filósofo Peter Godfrey-Smith (2019) descreve como os ancestrais dos polvos abdicaram de suas conchas milhares de anos atrás para nadar, livres, pelos oceanos, atitude que determinou também o desenvolvimento da sua inteligência. Seus tentáculos são órgãos flexíveis dotados de grande capacidade de locomoção e defesa, além de constituir o principal elo entre o animal que o possui e o que ele

Figura 1
Mariana Rocha, Ser-
pente, 2015, fotografia
digital, 20 x 30cm cada



toca, sendo fundamentais para sua sobrevivência. Essa forma conectora é também análoga ao cordão umbilical – ligação entre a mãe e o feto que garante a sobrevivência desse ser ainda frágil, em formação.

*

Quando criança, pelas manhãs, eu costumava ficar na casa de minha avó, e ela me arrumava para que eu fosse à escola. Desembaraçava meu cabelo com uma escova cujas cerdas me arranhavam o couro cabeludo e a testa. Umedecíamos o cabelo para amansá-lo e conseguir prendê-lo em um rabo de cavalo ou numa trança. Apesar da dor – um sofrimento que parecia inevitável para uma criança com cabelos rebeldes como os meus –, havia carinho nesse trato com o cabelo. Aos 8 anos, levaram-me a um salão para cortá-los bem curtos, como os das demais mulheres de minha família. Assim, sem precisar desfazer seus nós, não se gastaria tanto tempo nos cuidados e nos preparativos para sair de casa. Aos 11, fui levada ao salão para, dessa vez, relaxar⁴ o cabelo já crescido, num procedimento que me queimava as bordas da pele do rosto e do couro cabeludo. Quanto mais tempo eu suportasse as queimaduras, mais liso meu cabelo ficaria.

*

Com pessoas brancas ocupando hegemonicamente os lugares de poder, e sendo a estética branca a balizadora da noção de belo, afirma-se, por vezes nas entrelinhas, noutras de forma direta: ser negro é ser “o outro do belo” (SOUZA, 1983, p. 36). E se, quanto mais próximo do branco, mais aceitação se tem, aprende-se, ainda criança, a “depreciar, rejeitar e deformar o próprio corpo para configurá-lo à imagem e semelhança do branco” (p. 64). Desde a infância, recaem sobre os corpos negros as perguntas, os olhares, o julgo, o desprezo, o lugar de ser o outro. Sob esse olhar, a pessoa negra poderá passar toda uma vida a buscar ideais que jamais serão alcançados. É levada a crer que apenas a partir da negação e da renúncia de sua identidade poderá ascender socialmente. Dessa forma, introjeta e reproduz os discursos que servem aos interesses do branco como se fossem os seus. Por isso, a descoberta de si para uma pessoa não branca pode

4 Procedimento químico para mudar a forma dos fios de cabelo de crespos para lisos.

ser uma reconciliação com o “outro” dentro de si, para talvez vislumbrar a chance de tornar-se sujeito, sem obedecer a imposições que outrora marcaram seus cabelos, pele, corpo, carne; e ouvirá o som da água que escorre pelos caminhos de dentro.

*

Segundo a filósofa e antropóloga Lélia González (GONZÁLEZ, RIOS, LIMA, 2020, p. 43), “ser negra e mulher no Brasil é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão”. Nesse contexto, ser capaz de assumir suas características e sinais da negritude, de se assumir negra, é um ato de independência e descolonização (KILOMBA, 2019, p. 127-128). De modo que decisões e gestos simples, como deixar os cabelos crescerem livremente e trocar olhares de cumplicidade ao encontrar, caminhando na rua, alguém como você, se tornam pequenos atos de liberdade.

*

Retorno a um hábito da infância: recolho conchas na areia da praia. Quando criança, juntava um saco inteiro e as levava para casa. Minha mãe, com a justificativa de que não era bom guardar coisas do mar, sempre as jogava fora, a despeito de meu desejo de as guardar como relíquias, juntar grandes potes e sacos cheios dos mistérios tão grandiosos que não cabiam dentro de casa. Pego quantas cabem na minha mão fechada. Procuro as marcas menos profundas, os risquinhos que seriam imperceptíveis ao primeiro olhar, pois eles me dirão coisas que outras pessoas não quiseram saber. As conchas, por inteiro, falam de algo que mais ninguém sabe, pois pertenceram a corpos desmanchados na água, definitivamente mortos, talvez desconhecidos, deixando suas memórias em códigos indecifráveis que agora toco e aproximo dos olhos.

Trago as conchas para casa e marco com grafite vermelho as linhas que me interessam, tão frágeis quanto vasos ou capilares de um corpo. Os desenhos marcados estão quase todos dentro delas, onde a escrita pôde se fixar, não fora. Dentro estão guardados os segredos. Sinto vontade de as pressionar contra a carne, contra a pele, em mais um jogo infantil lembrado. Sobreponho uma nova a cada marca de uma anterior, apertando-a até aumentar no local o fluxo do sangue, até a pele se avermelhar e doer, até o desenho arredondado marcar a minha pele e depois sumir.



Figura 2
Mariana Rocha,
Mordida, 2019-2020,
fotografia digital,
dimensões variadas

*

Da infância até o início da adolescência, eu gostava de prolongar a cicatrização dos meus machucados, tirando sempre a pele em casca até fazê-la arder e sangrar novamente. Por anos tive marcas no rosto, camadas de pele escurecida que escondia sob a franja do cabelo ou cobria de maquiagem corretiva. Certa vez puxei um enorme pedaço de pele que cicatrizava em uma das pernas e o sangue escorreu em gotas grossas. Em desespero, fingi tropeçar em casa e reencenei a minha dor.

(Mantenho agora as unhas curtas)

*

Ao longo de milhares de anos de processos evolucionários, os moluscos desenvolveram conchas duras dentro ou debaixo das quais poderiam viver protegidos de seus predadores. Quando alguns desses animais se elevaram do leito do mar, suas conchas, além de invólucros, tornaram-se dispositivos de flutuação com os quais eles poderiam simplesmente se deixar levar pelas águas e explorar um novo mundo. Posteriormente, ancestrais dos cefalópodes começam a abrir mão de suas conchas flutuadoras, reduzindo-as, internalizando-as ou, de fato, as abandonando por completo – algo que os deixou muito mais vulneráveis, mas, ao mesmo tempo, muito mais livres. Aos polvos, por exemplo, nada restou de concha: seus corpos moles passaram a ser desprotegidos.⁵ Por outro lado, tornaram-se capazes de se espremer por um buraco do tamanho de seu globo ocular (uma das poucas partes duras que possui) e mudar a forma do seu corpo quase indefinidamente (GODFREY-SMITH, 2019).

*

Chamam-se de cauri ou zimbo os moluscos gastrópodes marinhos *Monetaria moneta*, cujas conchas possuem pequenas fendas dentadas como

⁵ Todos os tipos de polvo se despiram de sua concha, exceto o argonauta. A fêmea dessa espécie é capaz de construir uma concha espiralada e fina como papel, que lhe dá o poder de flutuação e proteção que foi abdicado pelos outros polvos (ARGONAUTAS..., 2020).

pequenas bocas. Na África Oriental, o zimbo era comumente usado como moeda pela população, enquanto, no Brasil, embora sem possuir valor comercial, existiam em abundância espécies da mesma família na Bahia, especificamente nas praias e enseadas da vila de Ilhéus, na foz do rio Caravelas em Porto Seguro, e na vila de Boipeba. Diante disso, traficantes de escravos passaram a levar daqui grandes baús cheios das conchas com as quais comprariam gente, que depois trariam forçosamente para cá. Durante esse tempo, a Bahia foi um dos principais portos de desembarque de pessoas sequestradas do continente africano, principalmente de portos congolezes e angolanos (CRUZ, 2010). Como a exportação de zimbo não era taxada por nenhum imposto colonial, é impossível saber quantas conchas saíram daqui ou a quantas vidas elas correspondiam. Existe a possibilidade de que a exploração do zimbo tenha contribuído para aumentar o número de indivíduos sequestrados do continente africano para o Brasil (p. 11).

Aqui, o búzio ganhou sentidos e simbologias que se distanciaram cada vez mais da função de moeda, tendo sua relação com o sagrado expandido por conta das expressões culturais e religiosas trazidas, herdadas e adaptadas pelos indivíduos africanos sequestrados e seus descendentes, que passaram a habitar essas terras. É utilizado em abundância no candomblé, religião afro-brasileira, em que pode ser diferenciado pelos nomes de cauri, ini, aruá e ikotô. Essas conchas são consideradas elos sagrados de comunicação entre as pessoas e os orixás, sendo utilizadas em inúmeros ritos e práticas, em altares, assentamentos e no jogo de búzios.⁶ As conchas são parte inseparável da ancestralidade afro-brasileira: “não existe nenhum assentamento de orixá sem ter a presença de (conchas de) moluscos” (SILVA, 2006).

*

Tenho constantemente vontade de passar os dedos e as unhas sobre a pele do rosto, das costas, do colo. Os poros abertos provocam na pele uma aspereza muito distante da lisura e do alvor do mármore e dos filtros do *Instagram*. Qualquer protuberância é alisada até o seu desaparecimento. Às vezes, o contato frequente dos dedos causa processos infecciosos em que o corpo tenta expulsar, não o grão sebáceo que está sob a pele,

6 Oráculo em que se utilizam 4, 16 ou 32 búzios, jogado exclusivamente por um babalorixá ou por uma ialorixá.

mas as bactérias que ali se alojaram no excesso do toque. Então a pele se avermelha, irritada, e produz secreções em uma espécie de bolha que em certo momento irá estourar e finalmente expulsar os microrganismos estranhos. Com o passar dos dias, os tecidos da pele se regeneram e o acontecimento é marcado por uma mancha ou cicatriz que permanecerá um pouco mais.

Quando a ostra, um molusco bivalve, recebe dentro de si um corpo indesejado, sendo ele um microrganismo ou mesmo um ínfimo grão de areia, reage liberando uma secreção chamada madrepérola, que o cobrirá em muitas camadas, isolando-o do seu próprio corpo mole e sensível. No momento em que o isolamento estiver completo, o resultado deste acontecimento receberá o nome de pérola e será colhida, e não expulsa, por dedos de mãos humanas que a encontrem, enquanto outras permanecerão secretas.

A secreção que o corpo humano produz como resposta a uma infecção, o pus, não é bela como a madrepérola produzida pela ostra – esta, por sua característica iridescente e rara, há milênios é utilizada como artefato, joia, enfeite e adorno de todos os tipos, além de amuleto. A ostra é capaz de produzir coisas consideradas por nós belas e preciosas, ao contrário da sua aparência interna. Ainda que a ingestão de sua carne seja apreciada por alguns, por outros, é vista com ojeriza. Em oposição, a aparência externa de um corpo humano pode ser bela, dependendo de quem o olhe, mas seu interior é sempre o mesmo: viscoso e úmido como o molusco. O molusco está perto da mucosa, do pus, do que temos por dentro, dos processos dolorosos que queremos evitar e ainda assim são provocados ou provocamos.

*

Quanto mais eu mergulho entre pele e cabelos, mais eu puxo de lá o que eu não sou capaz de dizer, como no truque do ilusionista que puxa um lenço amarrado no outro (uma pequena teresa) de dentro da boca.

*

Octopus dreaming (2019), vídeo publicado no Youtube, mostra como se comporta o polvo fêmea Heidi, que dorme em um aquário. Durante esse período de sono observado, a pele de Heidi se move intensa e rapidamente – como nossos olhos enquanto sonhamos –, adquirindo incríveis variações

de cores e texturas. Apesar de ainda ser impossível saber se polvos sonham, a voz de uma das pessoas responsáveis pela pesquisa narra o que ela poderia estar sonhando.⁷ Essas inquietude e plasticidade da pele do polvo, expressas em cores e volumes, fazem dele e outros cefalópodes, como a lula e o choco, grandes referências da camuflagem e do mimetismo. São capazes de imitar outros animais e superfícies por meio de um sistema alojado na pele, formado por células que secretam pigmentos (cromatóforos) e células capazes de refletir luz e produzir iridescência (iridóforos). O animal possui órgãos cromatóforos complexos controlados por músculos que ocasionam as mudanças de cores, a inserção de padrões de pintas, listras e suas variações, e texturas rugosas, lisas ou pontiagudas (JUDSON, 2018). Apesar de sua tamanha intimidade com as mudanças de cores, acredita-se que seus olhos não sejam eficientes em as processar. Descobriu-se, contudo, que sua pele possui opsina, uma proteína sensível à luz que é encontrada também na parte interior dos nossos olhos – portanto, um cefalópode como o polvo poderia sentir a cor,⁸ e não apenas vê-la.

*

Os termos “mestiço” e “mulata” são utilizados inicialmente para identificar o cruzamento entre espécies de animais diferentes, gerando um ser híbrido. Utilizar tais nomes para descrever a aparência de pessoas tem como principal objetivo ligá-las à animalidade, à irracionalidade, à selvageria, à impureza – um discurso que dissemina, também, a ideia de superioridade dos humanos sobre os animais. São termos que criam “uma hierarquização dentro da negritude, que serve à construção da branquitude como a condição humana ideal”, sendo as pessoas não brancas consideradas “formas impuras da humanidade” (KILOMBA, 2019, p. 19). A década de 1930, no Brasil, foi marcada pela criação do mito que coloca o país como uma democracia racial, tendo o historiador e sociólogo Gilberto Freyre como seu principal articulador, com sua teoria do lusotropicalismo. Na verda-

7 Apesar do desconhecimento quanto à capacidade de sonhar dos polvos, descobriu-se que os chocos, parentes deles, exibem padrões de sono semelhantes à fase do nosso sono em que ocorrem os sonhos mais vívidos (REM).

8 Em estudo publicado na *Current Biology*, cientistas afirmam a descoberta de um novo tipo de opsina, chamada de neuropsina, na pele de mamíferos. Antes da descoberta desses fotorreceptores, acreditava-se que o cérebro assumia o controle de todos os órgãos do corpo, fosse dia ou noite. Esse novo estudo, porém, informa que a pele, por meio das neuropsinas, pode perceber variações de luz. “Em outras palavras: a pele pode sentir se é dia ou noite” (SCIENCE..., 2019).

de, os primeiros casamentos inter-raciais foram resultados da violentação de mulheres negras por parte de homens brancos que detinham o poder sobre elas (senhores de engenho, traficantes de escravos etc.). González (GONZÁLEZ, RIOS, LIMA, 2020, p. 39) observa que “o efeito maior do mito é a crença de que o racismo inexistia em nosso país graças ao processo de miscigenação”. Os processos de mestiçagem foram empregados como uma maneira de embranquecer a população, tornar suas peles menos escuras, seus cabelos menos crespos. É possível perceber como, na sociedade brasileira, pessoas negras de pele mais escura sofrem mais episódios de racismo, enquanto pessoas negras de pele clara são tomadas como “quase” brancas – estando, entretanto, em local fronteiriço, jamais terão todos os seus privilégios. Ainda segundo a autora, haveria um pensamento amplamente divulgado de que a “mestiçagem” era algo positivo para o povo brasileiro e, portanto, deveria ser promovido e exaltado.

*

Quando em perigo, polvos, lulas e chocos são capazes de expelir uma nuvem de tinta através de uma glândula próxima ao ânus. A tinta é uma mistura de muco e melanina – o mesmo pigmento escuro que dá nosso tom de pele, cabelos e olhos. A variedade de elementos e misturas presentes nas composições dessas tintas resulta em tons de cores diferentes: entre os polvos, a tinta costuma se aproximar do preto; entre as lulas, de um preto-azulado; e entre os chocos, de tons de castanho-avermelhado. A tinta do choco, aliás, foi utilizada durante séculos como pigmento em pinturas. A essa cor, deu-se o nome de sépia – outro termo utilizado para identificar o choco (SWAIN, 2010).

*

Belkis Ayón foi uma artista e professora afro-cubana conhecida por suas enormes cologravuras, nas quais utilizava papelão e outros materiais considerados menos nobres, recortados e modelados para dar textura às matrizes. Suas obras, enormes impressões em papel, partem sempre do mesmo ponto: contar ao mundo sua visão a respeito de um mito que sobreviveu à diáspora africana. Os guardiões dessa história fazem parte da Sociedade Secreta dos Abakuás, uma irmandade exclusiva para homens cujos ancestrais foram sequestrados de onde hoje é a Nigéria (MELENDI, 2019) e hoje vivem em Cuba. O tal mito fala a respeito de Sikán, a única mulher de seu grupo. Em meio a um acontecimento fantástico, ela se



torna portadora de um grande segredo, capaz de proporcionar riqueza e prosperidade a quem o souber. Ainda que proibida de contar ao mundo tal mistério, ela conta ao homem que ama e, por isso, é condenada à morte.

A dimensão tátil está presente em todas as gravuras de Ayón relacionadas ao mito de Sikán, nas quais há silhuetas de figuras humanas completamente pretas ou brancas, ou ainda com a aparência de peles de animais. Há também muitas manchas e texturas nos espaços entre os corpos, lembrando conexões celulares, veios, membranas (GARCÍA, 2016). No trabalho *Sikán* (1991), a personagem-título segura um peixe em um aquário, enquanto uma serpente lhe atravessa o peito e observa o peixe. Em curiosa inversão, a mulher tem parte do corpo coberto por escamas, mas o peixe no aquário e a serpente, não. Sabe-se que, na realidade, ambos possuem escamas que funcionam como proteção e conservação da umidade. As escamas da serpente são tão rígidas, que implicam a impossibilidade de sua pele crescer junto com o corpo. Por isso, a troca de tempos em tempos, saindo de dentro dela como de uma casca. O que não é, porém, um processo de regeneração da pele – esses são limitados e lentos, assim como os nossos.

Nós também trocamos de pele, mas vagarosamente: conforme novas células são produzidas, as mais antigas são liberadas pelo corpo. As finas camadas de poeira no chão e nos móveis da casa são, em parte, compostas de pele morta. Por conta desse processo, a cada mês, temos uma pele completamente nova, do ponto de vista celular (VENTUROLI, 1996). Geneticamente, entretanto, ela permanece a mesma.

Na história de Sikán, o peixe morre e ela é sacrificada. Usam sua pele e seu sangue para produzir um tambor que ressoe como a voz sagrada. Não funciona. Refazem o tambor com a pele de um bode e o sangue de Sikán, e ele vibra. Pele e sangue guardam e compartilham segredos no toque e na liquidez. É pela inquietude e pela capacidade de vibrar que a pele (se) faz ouvir e sentir.

*

Figura 3 (p. anterior)
Belkis Ayón, *Sikán*, 1991, colografia, 200 x 138cm. Fonte: <http://www.ayonbelkis.cult.cu/en/page/4/>, acessado em 18 jul. 2021

Pode-se dizer que os cefalópodes, em geral, desenvolveram grande capacidade sensorial. Nós temos o sistema nervoso centralizado na cabeça, mas os polvos o têm distribuído pelo corpo, principalmente nos braços e tentáculos, tornando-os capazes de se comunicar diretamente uns com

os outros e tomar decisões sem passar pelo cérebro central, e não o contrário, como é mais comum em vertebrados (EM POLVOS..., 2019). Cada uma de suas ventosas pode ser acionada de modo independente e são repletas de sensores gustativos, o que teria em nós um efeito próximo ao de possuir centenas de línguas nos braços e pernas (JUDSON, 2018).

*

Simultaneamente ao surgimento nas costas do Novo Mundo de navios lotados de pessoas sequestradas, começavam a brotar comunidades de escravos fugidos por toda parte – o exemplo mais próximo de nós, brasileiros, são os quilombos ou mocambos, como o de Palmares. O filósofo Dènètem Touam Bona (2020) traz a ideia de fuga como uma ação enérgica, de criação e de resistência, ao contrário das comuns associações à covardia e à passividade. Tais ações surgiriam de um instinto de sobrevivência diante do absurdo do cárcere e da escravidão imposto aos indivíduos negros, nas colônias. Esse instinto de sobrevivência os levaria a buscar abrigo e lugar de pertencimento nas matas e florestas, lugares “selvagens”, cheios de sombras e estrias, propícios à camuflagem. Locais ideais para desaparecer aos olhos dos adversários, para se metamorfosear e reinventar o corpo.

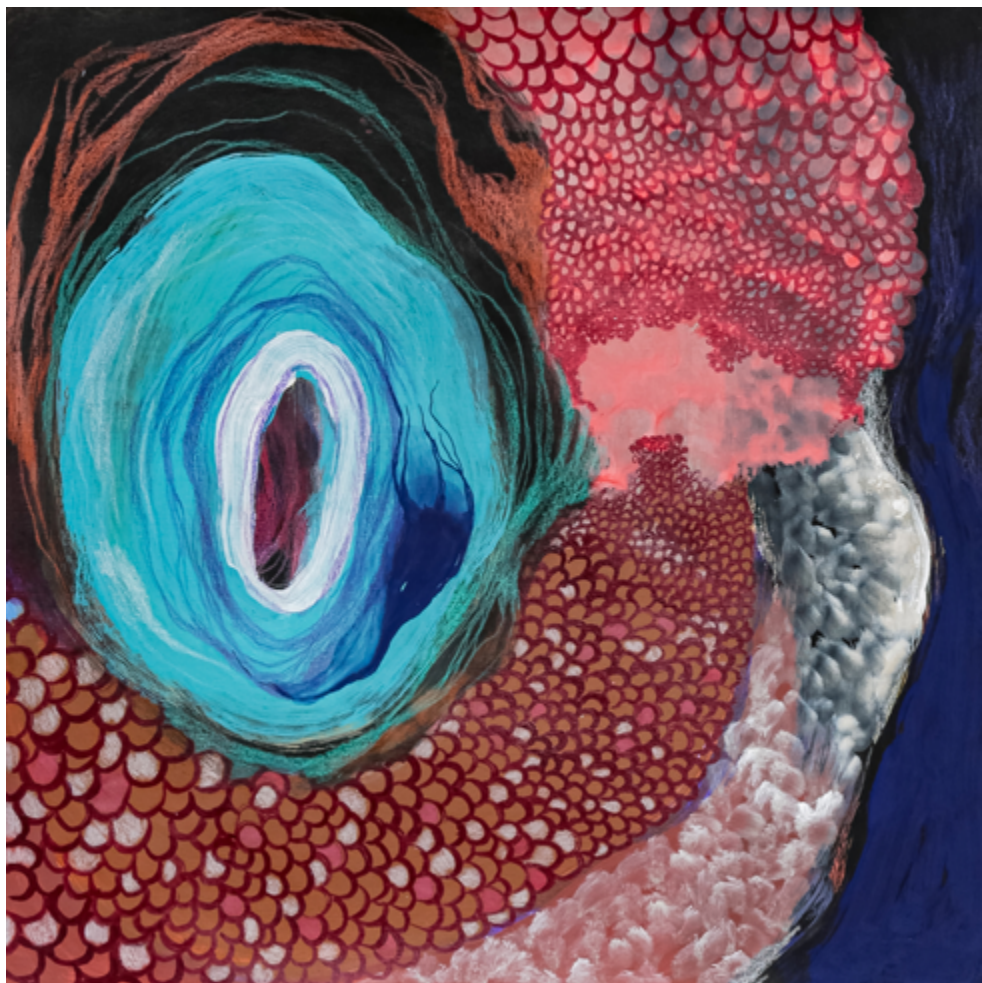
A fuga só existe a partir da capacidade de imaginar e criar estratégias, situações, truques, por meio dos quais nos aproximamos da liberdade. O escape, aqui, é também onírico: acreditar na sobrevivência imaginando uma vida longe da escravidão os tornou capazes de criar espaços de liberdade, ainda no seio das plantações, que ganhavam amplitude em meio às comunidades formadas pelos fugitivos. Por meio das práticas culturais, religiosas e musicais, das vigílias de contos, das variações dos falares crioulos, produziam subjetividade. Como complemento, a estratégia da fuga e do desaparecimento foi utilizada por esses indivíduos como método de sobrevivência e como meio de afirmar a própria existência como sujeitos.

*

Incorporo novos movimentos a minhas práticas de ateliê. Talvez por sentir como se tivessem me passado uma borracha na pele, eu tenha precisado me demorar nela muito mais do que imaginava. Mergulhar em suas camadas me fez inserir elementos, padrões, texturas, sobreposições de cores na superfície do papel. À série de pinturas produzidas nesse contexto, dei o nome de Pele inquieta.

Figura 4

Mariana Rocha, Sem título (série Pele inquieta), 2020, acrílica e lápis de cor sobre papel, 30 x 30cm



*

Ultrapasso a pele para chegar nas profundezas das águas de dentro; no abismo que o escuro, o silêncio, o mistério, as forças ancestrais habitam. Dentro do corpo, em sua profundidade, não há luz. Esse é o nosso primeiro abismo. Como o mundo submerso funciona em outra frequência, em outro ritmo, o mergulho exige fôlego, olhos e órgãos que se adaptem à escuridão, à pressão, ao excesso de sal. Nas águas profundas moram o “silêncio puro e escuro” e a ancestralidade; “a inconsciência netuniana onde nossas (próprias) águas escuras e profundas se movem” (DIEGUES, 2017, p. 25). Aproximo essas colocações da fala de Audre Lorde (2019) sobre um lugar sombrio, antigo e oculto onde cresce e de onde emerge nosso o “verdadeiro espírito”. Descreve esse lugar como uma reserva de poder que nossa ancestralidade habita: há algo a ser buscado dentro de si, em um lugar que “não é claro nem superficial; é escuro, é antigo e é profundo” (p. 46). Se adentrarmos esse lugar, esse abismo interno, dá-se um encontro capaz de nos acordar para a apreciação de nossos sentimentos e carac-

terísticas anteriormente renegados; passamos a respeitar essas “fontes ocultas”. As profundezas aparecem em Lorde (p. 72) também como um lugar onde sufocamos tudo o que somos desencorajadas a pensar, falar e fazer, tudo o que é tido como inadequado.

*

Clione limacina e *Limacina helicina*, conhecidos respectivamente como anjos-do-mar e borboletas-do-mar, são moluscos marinhos do grupo Gastropoda, por vezes classificados como parte do subgrupo Pteropoda. Os anjos-do-mar têm corpos translúcidos de cerca de cinco centímetros e se alimentam exclusivamente de borboletas-do-mar. Ao nadar pelo oceano, batem suas “asas” lentamente. Já as borboletas-do-mar, que são parentes próximas dos anjos, possuem conchas e são menores, alcançando cerca de meio centímetro. Elas nadam em grupos até que sejam devoradas pelos anjos-do-mar ou que desapareçam no fundo do oceano, em um lugar desconhecido.

Antes de tudo, as borboletas aparecem de tal forma que deixam escuras as águas e, dias depois, aparecem os anjos. Nesse momento, diz-se que o mar parece uma “sopa espessa”. Para se alimentar da borboleta, cuja presença sente com seus receptores químicos, o anjo-do-mar abre sua cabeça e libera seis tentáculos que inflam e crescem até metade do seu tamanho. Começa, então, a bater suas “asas” de maneira veloz, circundando a borboleta, até conseguir prendê-la com seus ganchos e se fechar sobre ela. Ele pode se alimentar de até 500 borboletas em dois meses, e acumular os nutrientes sob a pele. Após a temporada, que dura semanas ou poucos meses, as borboletas vão para um lugar que ninguém conhece, e em seguida os anjos fazem o mesmo.⁹ “Pensa-se que vão para o fundo do mar, e que passam um ano inteiro a tramar uma coisa ou outra lá embaixo. Ninguém sabe o quê, nem mesmo como descobrir.” (ANGELS..., 2014).

*

Como ouvir dos desaparecidos seus nomes e histórias, recuperar suas memórias? Seria necessário explorar o gigantesco berço e cemitério de sal,

9 Raramente, anjos podem ser encontrados no mar no resto do tempo, sempre solitários.

procurar restos, partes submersas. Seus objetos talvez habitem o mar esperando contar a história de quem os perdeu, com seus riscos e marcas gravados com os segredos dos corpos que um dia os tocaram, assimilando a recusa do desaparecimento sem vestígios. Os mortos que habitam as águas estarão para sempre no limiar do desaparecimento e da presença. Quais palavras diriam suas bocas caso não fossem caladas e seus corpos dissolvidos?

*

Antes de começar a estudar Artes, a artista estadunidense Ellen Gallagher participou, por algumas semanas, de um projeto do curso de Oceanografia a bordo de uma escuna em alto mar. Sua tarefa consistia em observar e desenhar pterópodes – moluscos aquáticos com membros semelhantes a asas que “voam” pelo oceano e que, após coletados, eram desenhados detalhadamente por Gallagher, com a ajuda de um microscópio. A coleta dos pterópodes, repetida diariamente, e o interesse pelas imagens e histórias relacionadas à água influenciaram sua pesquisa artística (EDWARDS, 2017).

Seus trabalhos geralmente envolvem camadas de significados e o uso de materiais sobrepostos – papéis de densidades variadas, pintura, plasticina, colagens. Gallagher costuma coletar revistas como *Ebony* e *Sepia*, lançadas na década de 1940, direcionadas ao público afro-americano, e recortar anúncios de perucas, alisamento de cabelos e clareamento de pele. Em *Coral Cities* (2007), desenha tentáculos, corpos pretos feitos com nanquim, cérebros feitos de plasticina e jogos de palavras em uma página inteira da *Ebony*, que contém um anúncio de carne enlatada.

As relações que tece entre o mar e questões raciais são feitas de forma singular, quando mescla a trágica história da diáspora forçada com o mito de *Drexciya*, criado em 1997 por uma banda de *house-music* de mesmo nome, que fala sobre um mundo subaquático habitado por descendentes das pessoas traficadas do continente africano e jogadas no mar durante a travessia forçada para a América.¹⁰ Nessa realidade alternativa, elas encontram uma vida possível debaixo d’água e se tornam metade humanas,

10 As músicas parecem interpretar o que foi vivido pelas pessoas sequestradas tal qual uma abdução alienígena, em meio a paisagens sonoras que soam como “alucinações auditivas”, repletas de vozes e mensagens transformadas em ruídos (MODERNA, 2021).

Figura 5
Ellen Gallagher, Coral Cities, nanquim, aqua-
rela, folha de ouro, colagem e plástici-
na sobre página de revista, 32,5 x 25cm.,
2007 Fonte: <https://farticulate.wordpress.com/2011/03/29/28-marso-2011-post-ellen-gallagher-selected-works-interview/>,
acesso em: 18 jul. 2021



metade peixes, criando uma Atlântida negra. Faz-se importante salientar que a ficcionalização dessa história ocorre não para apagar sua tragicidade, mas para, a partir dela, pensar a metamorfose como parte de um processo de cura; como um escape da realidade pela criação de outras narrativas. Esse é o argumento principal da extensa série de trabalhos Watery Ecstatic (GALLAGHER, 2001), iniciada em 2001, e que aparece em muitas das suas produções. Assim, a artista revela histórias oníricas guardadas no fundo do oceano, expandindo-as de sua aparência microscópica, e revelando-as como universos.

*

Os primeiros povos nômades a habitar a Patagônia, no Chile, viviam e subsistiam da água (EL BOTÓN..., 2015). Não ergueram cidades nem monumentos – as marcas que deixavam no mundo eram os desenhos que faziam no corpo, na terra e nos objetos, como se fossem espelhos do que

enxergavam nos céus. Para esses povos, água e desenho mediavam sua relação não apenas com a vida, mas com a morte e com o cosmo; acreditavam que, ao morrer, se tornavam estrelas. A curiosidade e a atração que sentimos pelo cosmo existe porque ansiamos por retornar a ele. Sob essa lógica, o mesmo se entenderia a respeito de nossa curiosidade com o mar e tudo o que ele cobre.

O mar é também uma “pele inquieta”, mas sem couraça, sem proteção – como uma pele aberta. Dentro dele há muitas camadas de temperaturas e saturações diferentes, muitas formas de vida. A presença da água é tentacular e inescapável. Todos nós, seres vivos ou não, viemos do mesmo denso ponto de matéria acumulada e inquieta – a memória disso está em cada célula e átomo do nosso corpo que se move, se transforma e se expande; corpo que, mesmo depois de morto e aparentemente imóvel, continua a se mover e se transformar. Na sua profundidade, a ausência e o vazio são pontuados por pequenos sinais de vida bioluminescente, como solitários planetas no cosmo. Ao atingir seu primeiro destino, a jornada para dentro não termina: a partir dela, revelam-se outros universos úmidos e desérticos, outros seres, histórias, adaptações. Tudo se mostra imenso e minúsculo, como as conchas esmiuçadas que formam junto a outros elementos uma quantidade infundável de grãos de areia, por sua vez feitos de átomos, partículas, poeira de estrelas.

Referências

ANGELS and Butterflies of the North: A family story of deadly hunts and deep sea mystery. Medium: Aquatilis Expedition. [s. l.], 3 de maio de 2014. Disponível em https://medium.com/@Aquatilis_tv/angels-and-butterflies-of-the-north-c9ccc482b270. Acesso em: 5 maio 2021.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

ARGONAUTAS, o fim justifica a morte. [s. l.]. National Geographic Society. c2020. Disponível em <https://nationalgeographic.pt/natureza/actualidade/2020-o-fim-justifica-a-morte>. Acesso em: 27 fev. 2020.

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BONA, Dénètem Touam. A arte da fuga: dos escravos fugitivos aos refugiados. Trad. Amilcar Packer. [s. l.]: Oficina de Imagem Política, 2020. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/438170205/A-Arte-Da-Fuga-Denetem-Touam-Bona>. Acesso em: 14 jul. 2021.

COUTO, Raphael de Andrade. *Entre marcas e atravessamentos: uma escrita de artista*. Dissertação (Mestrado em Estudos Contemporâneos das Artes). Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014. Disponível em <http://www.artes.uff.br/dissertacoes/2014/2014-raphael-couto.pdf>. Acesso em: 9 maio 2020.

CRUZ, Ronaldo Lima da. Conchas valem dinheiro, escravos são como zimbos: a efemeridade da extração do zimbo no Sul da Bahia. *Revista Pindorama*, Eunápolis, ano 1, n. 1, p. 1-13, ago. 2010.

DIEGUES, Márcio André. *Entre o mar e o vento: o desenho como membrana*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

EDWARDS, Adrienne. Below the surface. *Gagosian Quarterly*. [s. l.], Gagosian Gallery, 2017. Disponível em <<https://gagosian.com/quarterly/2017/05/01/below-surface/>>. Acessado em 06/07/2021.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*. Lisboa: Editora Arcádia, 1979.

EL BOTÓN de nácar. Direção Patricio Guzmán. Espanha: Mediapro; França: France 3 Cinéma; Chile: Valdivia Film. 2015. 82 minutos. 1 DVD.

EM POLVOS, tentáculos tomam decisões de maneira independente do cérebro. [s. l.]. *Revista Galileu*, 27 jun. 2019. Disponível em <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2019/06/em-polvos-tentaculos-tomam-decisoes-de-maneira-independente-do-cerebro.html>. Acesso em: 12 dez. 2020.

GARCÍA, Christina. Belkis Ayón in L.A. On surfaces, skins and secrets. *Cuba Counterpoints*. [s. l.], 2 nov. 2016. Disponível em: <https://cubacounterpoints.com/archives/4280.html>. Acesso em: 10 mar. 2021.

GALLAGHER, Ellen. *Watery Ecstatic*. New York, Whitney Museum of American Art, 2001. Disponível em <https://whitney.org/collection/works/18622>. Acesso em: 6 jul. 2021.

GODFREY-SMITH, Peter. *Outras mentes: o polvo e a origem da consciência*. Trad. Paulo Geiger. São Paulo: Todavia, 2019.

GONZÁLEZ, Lélia; RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (Orgs.). *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. Disponível em <https://www.amazon.com.br/Por-feminismo-afro-latino-americano-L%C3%A9lia-Gonzalez/dp/8537818895>. Acesso em: 17 jul. 2021.

HISTOLOGIA Interativa. *Pele e anexos*. Alfenas: Universidade Federal de Alfenas, c2021. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/histologiainterativa/pele-e-anexos/>. Acesso em 5 jul. 2021.

HOOKS, bell. *E eu não sou uma mulher: Mulheres negras e feminismo*. Tradução de Libanio Bhuvi. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2014.

JUDSON, Olivia. Por que os polvos nos lembram tanto de nós mesmos? *National Geographic*. [s. l.], 13 jun. 2018. Disponível em <https://www.nationalgeographicbrasil.com/perpetual-planet/2018/06/por-que-os-polvos-nos-lembram-tanto-de-nos-mesmos>. Acesso em: 18 jul. 2021.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LINDOTE, Maria Lucia Pereira Martins. *Entre a grade e a espiral: sobre algumas narrativas ficcionais de Tunga*. Tese (Doutorado em Literatura). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/102681/230072.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 8 mar. 2020.

LISPECTOR, Clarice. As águas do mundo. In: LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina: contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MELENDI, Maria Angélica. A sobrevivência de Sikán: imagens de uma lembrança sagrada na obra de Belkis Ayón. *Aurora: revista de arte, mídia e política*, São Paulo, v. 12, n. 34, p. 37-52, fev.-mai. 2019.

MODERNA Museet. *Ellen Gallagher*. Estocolmo, c2021. Disponível em <https://www.modernamuseet.se/stockholm/en/exhibitions/eclipse-art-in-a-dark-age/artists-biographies/ellen-gallagher/>. Acesso em: 6 jul. 2021.

MONTAGU, Asheley. *Tocar: o significado humano da pele*. São Paulo: Editora Summus. 1988. p. 21-60.

MOTA, Jociely, BARJA, Paulo Roxo. Classificação de fototipos de pele: análise fotoacústica versus análise clínica. In: X Encontro Latino-americano de Iniciação Científica e VI Encontro Latino-americano de Pós-graduação, *Anais...* São José dos Campos, 2006. p. 2561-2564. Disponível em: http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2006/epg/03/EPG00000385-ok.pdf. Acesso em: 17 jul. 2021.

OCTOPUS dreaming. [s. l.]: THIRTEEN; PBS. Vídeo, 1'48". Publicado pelo canal Nature on PBS. 23 set. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0vKCLJZbytU>. Acesso em: 20 out. 2021.

SANTOS, Renata Aparecida Felinto dos. Rapunzel: a arte contemporânea como tratamento cosmético/estético a partir das performances de Juliana dos Santos e de Priscila Rezende. *Revista Estúdio*, Lisboa, v. 8, n. 20, p. 20-29, 2017. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-61582017000400002&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 8 fev. 2021.

SCIENCE Daily. Scientists discover skin keeps time independent of the brain. [s. l.]. 16 out. 2019. Disponível em: <https://www.sciencedaily.com/releases/2019/10/191016133015.htm>. Acesso em: 18 jul. 2021.

SILVA, Maria Conceição da. *Conhecimento científico e o saber popular sobre os moluscos nos terreiros de candomblé de Recife e Olinda, estado de Pernambuco*. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SWAIN, John. Can I write with squid ink? *The Boston Globe*, Ask Dr. Knowledge. Boston, 22 mar. 2010. Disponível em: http://archive.boston.com/business/articles/2010/03/22/can_i_write_with_squid_ink/. Acesso em: 18 jul. 2021.

VENTUROLI, Thereza. Questão de pele. *Superinteressante*, 31 dez. 1996. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/questao-de-pele/>. Acesso em: 20 jul. 2021.

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons.

